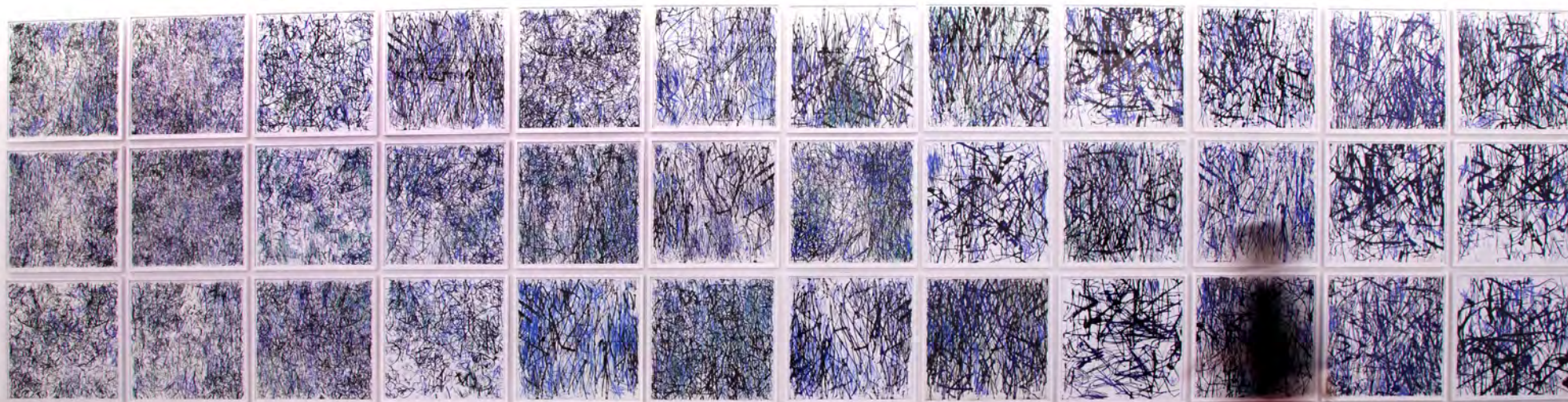




portuguese / english

TERESA POESTER
ANAGRAMS / ANAGRAMAS

Esta é a primeira individual em que mostro o resultado do processo que iniciou no ano passado, quando realizei uma série de gravuras na Fundação Iberê Camargo e no Museu do Trabalho.

A exposição inclui a montagem Anagramas e oito trabalhos em papel, além do vídeo de quatro minutos com imagens minhas sobre música original de Vagner Cunha.

Anagramas é um trabalho composto por 36 módulos medindo 80X80 cm que podem ser dispostos de diferentes formas. São desenhos sobre impressões ampliadas de gravuras em metal, algumas vezes sobrepostas digitalmente. As gravuras são fotografadas, retrabalhadas, ampliadas e desenhadas, num jogo de armar com infinitas possibilidades de sobreposição de técnicas e justaposição na parede. As permutações têm a ver com meu interesse em misturar linguagens na concepção e execução do trabalho e com minha experiência na matemática, quando o desenho já me ajudava a pensar.

É o desenho que me faz redescobrir a paisagem de onde nasci nas texturas das folhas e na geometria dos galhos secos do verão e do inverno de Eragny-sur-Epte. É o desenho que me leva a filmar ou fotografar a natureza e a enxergar as coisas com mais prazer.

Teresa Poester 2014



TERESA POESTER ANAGRAMS / ANAGRAMAS

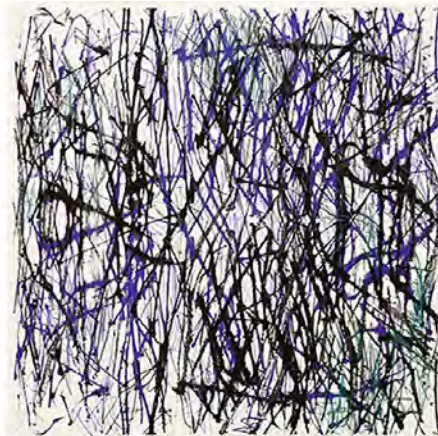
This is the first solo exhibition where I show the result of a process that started last year when I did a series of etchings at the Iberê Camargo Foundation and at the Museu do Trabalho.

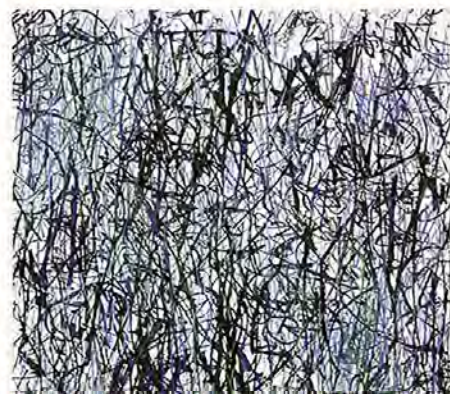
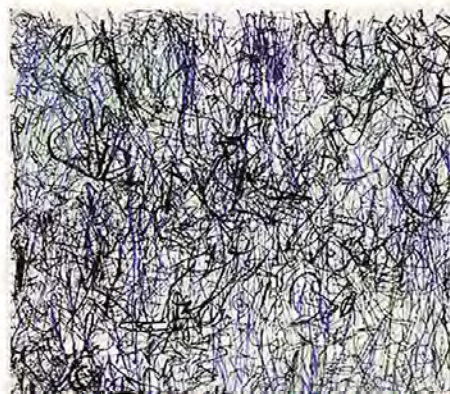
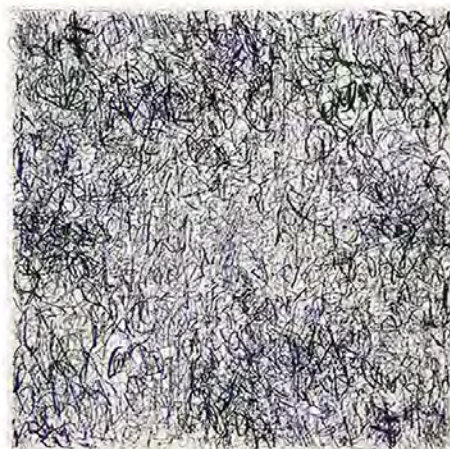
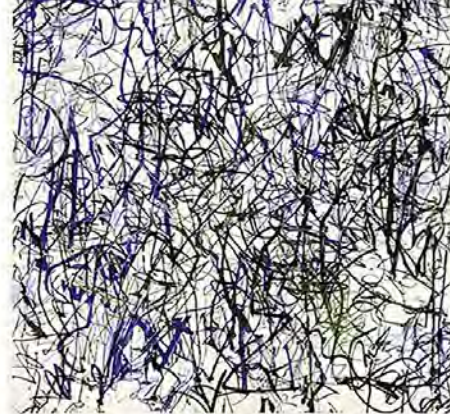
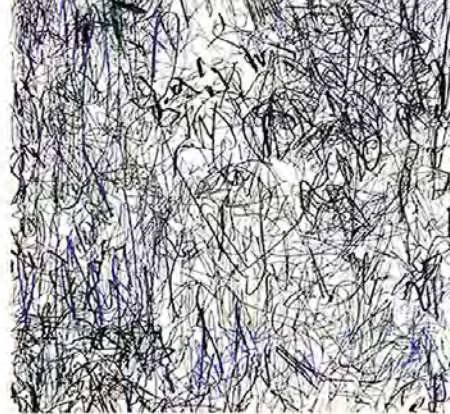
The exhibition includes the montage Anagramas and eight works on paper, as well as a four-minute video I made with original music by Vagner Cunha.

The work Anagramas is made up of 36 modules measuring 80x80cm, which can be arranged in different ways. They consist of drawings made on printouts of metal etchings that are amplified and, sometimes digitally superposed. The etchings are photographed, reworked, amplified and drawn upon, in a puzzle game with infinite possibilities of superposition and juxtapositions on the wall. The permutations are connected with my interest in mixing languages in the conception and execution of the work and with my experience with mathematics, when drawing would help me to think.

It's the drawing that helps me redescover the landscape where I was born, in the textures of leaves and in the geometry of the dry branches of the summer and winter of Eragny-sur-Epte. It is drawing that leads me to film or photograph nature and to take more pleasure in seeing things.

Teresa Poester 2014





Vigor gestual, precisão matemática

A ponta-seca nunca é verdadeiramente mansa, nunca é muito doce ou delicada. A ponta-seca sulca a superfície do metal, abre caminho à força, levanta rebarbas, deixa marcas estropiadas do seu trajeto. As rebarbas, inclusive, se fazem desejáveis quando se prepara a chapa para a impressão; é nelas que se fixa a tinta antes de encontrar o papel. Na gravura já impressa, a linha que vem da ponta-seca não chega a alcançar a precisão – a destreza, a perícia – da água-forte. A linha da ponta-seca parece antes, e sempre, errática e malconformada. Conserva, porém, uma energia que se associa à sua própria origem, memória do ataque do buril contra o espelho do cobre: há vigor na ponta-seca, talvez mais do que em qualquer outra possibilidade da chamada gravura em metal.

Imagine agora que essa imagem impressa, resultante da ponta-seca, seja fotografada, copiada digitalmente e superampliada. A linha, tida como incerta mas vigorosa, vai ganhar em intensidade; com sorte, se mostrará tanto mais incerta quanto vigorosa. Suponha agora que, sobre essa gravura superampliada, entrem novas linhas, desenhadas diretamente sobre o papel. Tenha em mente que essas novas linhas, se não guardam a rebarbativa errância do buril, seu soluçante desenrolar, oferecem o mesmo ímpeto das linhas originais: elas não vêm doces nem acanhadas. Elas se riscam com vontade, com destemor, sem piedade.

Ainda em um exercício imaginativo, considere as chances de se repetir esse mesmo percurso criativo: reimprime-se a gravura, desenha-se sobre ela, linhas azuis sobre o preto, lilases, verdes. Tudo se arranja e se rearranja com grande liberdade. É um procedimento livre e aberto. Aparentemente sem ciência, sem exatidão e sem matemática. E, no entanto, a matemática está lá.

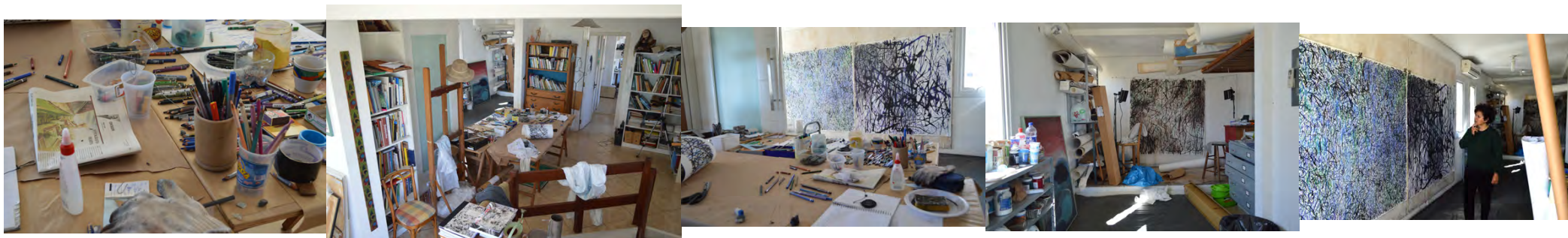
O que se procurou esboçar nos parágrafos precedentes é parte do método adotado pela artista visual Teresa Poester (Bagé, 1954) na criação de sua mais recente série de trabalhos.

Teresa vem de uma trajetória de mais de 35 anos de atividade no campo da arte, na qual se sobressai tanto seu interesse pela paisagem, e suas possibilidades de construção e desconstrução, quanto seu gosto pelo desenho. Em outra ocasião, ponderei que talvez não fosse a artista que perseguisse o tema da paisagem, mas o inverso disso. Quem sabe seja a evocação paisagística que não abandone Teresa, supondo-se, talvez, que nem sempre são conscientes ou programadas todas as escolhas de quem cria. Haveria questões que retornam, ou que teimam em permanecer, quase à revelia de seus autores. Elas não são convocadas, mas, quando menos se espera, estão lá mais uma vez. Mesmo quando tudo parece se encaminhar para a total abstração, persiste uma sugestão de paisagem.

Da mesma forma, o desenho integra essa trajetória da artista. Sempre esteve lá, mas, assim como a paisagem já foi abordada de forma exaustiva e sistematizada, também o desenho nos últimos anos tem sido investigado de modo mais verticalizado. Suas permutas com outras categorias da produção artística visual, como a fotografia ou o vídeo, sustentam estudo recente – prático e teórico – com grupos de alunos ou no cotidiano do ateliê.

Nesse duplo contexto, o da persistência da paisagem e o da lida com o desenho, calhou de Teresa se deparar com a gravura. A partir de experiências com matrizes de metal, em 2013, na Fundação Iberê Camargo e no Museu do Trabalho, em Porto Alegre, (e não só com a ponta-seca, mas também com a água-forte e a água-tinta) a artista teve a sorte de, mais uma vez, pesquisar o tema da paisagem e o das vizinhanças do desenho.

Daí o formato da gravura, que era íntimo, se expandiu. A linha curta virou gesto largo. O cinza encontrou a cor. A linha tropeçante da ponta-seca ganhou volume. Ampliado, o quadrado da gravura se tornou módulo. Nisso, inesperada, impôs-se a matemática.



Jovem, mesmo antes da afirmação de seu percurso no campo da arte, Teresa foi professora de Matemática. Aparelmente, esse veio da sua formação nunca pareceu íntimo da criação artística – no caso de Teresa, marcada pela matriz expressionista, liberta, larga, pouco afeita a esquematismos. Pensando bem, já havia uma sorte de ordenamento nas séries em que a artista justapôs janelas e grades com as paisagens. O caso é que, agora, nos seus anagramas, essa percepção – que talvez já estivesse lá, mas à sombra – se irradia. O pendor matemático se faz menos sutil. Vem se combinar com o vigor, a quase violência, que acompanha a ponta-seca.

Em outra ocasião, comentando o trabalho de outra artista, em que o rigor matemático era o próprio vetor (e vertigem) da invenção criativa, citei este mesmo texto de Fernando Pessoa, ao qual retorno mais uma vez. Trata-se de um ensaio breve, em que o poeta português discute como, no ato criador, diferentes forças se combinam, em um esforço da inteligência e suas elaborações. Haveria, supõe Pessoa (já nessa formulação evidenciando seu pendor matemático), três tipos de cultura que alimentam o exercício inventivo: a cultura que resulta da erudição, a que vem da experiência e a que se forma a partir da multiplicidade de interesses intelectuais. A primeira estaria ligada ao “estudo paciente e aturado, pela assimilação sistematizada dos resultados desse estudo”. A segunda teria a ver com “rapidez e profundidade naturais do aproveitamento” de tudo o quanto o sujeito lê ou vê e ouve. A terceira diria respeito à “multiplicidade de interesses intelectuais”, em uma articulação na qual “nenhum será profundo, nenhum será dominante, mas a variedade alargará o espírito” (PESSOA, 1966).

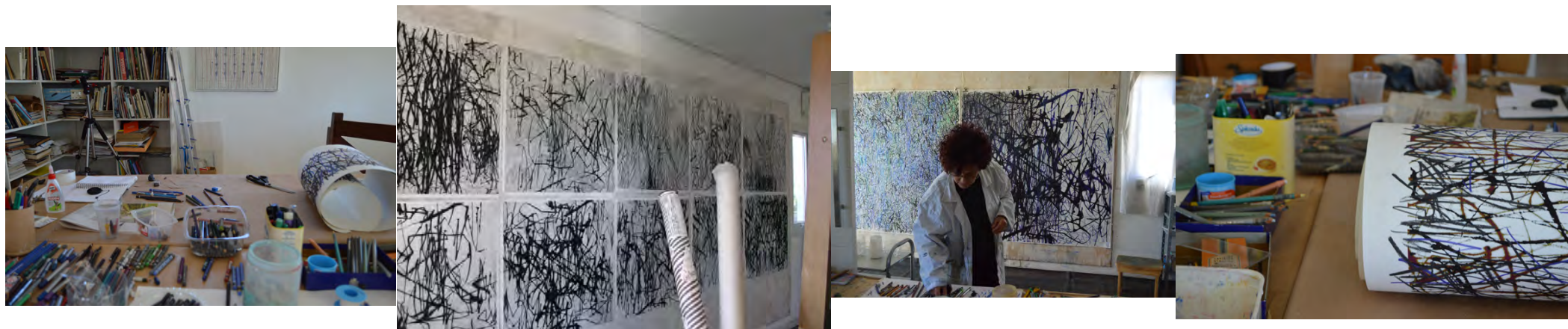
Conclui o poeta dos heterônimos que pode ser tão mais viva a disposição criativa de quem se mantém alerta – disponível – diante da vida, de “todas as artes” e das ciências: “Um poeta que saiba o que são as coordenadas de Gauss tem mais probabilidades de escrever um bom soneto de amor do que um poeta que o não saiba”. Sugere Pessoa que nem mesmo aí existiria qualquer paradoxo. “Um poeta que se deu ao trabalho de se interessar por uma abstrusão matemática”, ele argumenta, “tem em si o instinto da curiosidade intelectual”. Essa veia é que, mais do que inspirar, ajudaria a definir o caráter do artista e da obra: “(...) quem tem em si o instinto da curiosidade intelectual colheu por certo, no decurso

da sua experiência da vida, pormenores do amor e do sentimento superiores aos que poderia ter colhido quem não é capaz de se interessar senão pelo curso normal da vida que o afeta — a manjedoura do ofício e a arreata da submissão” (PESSOA, 1966).

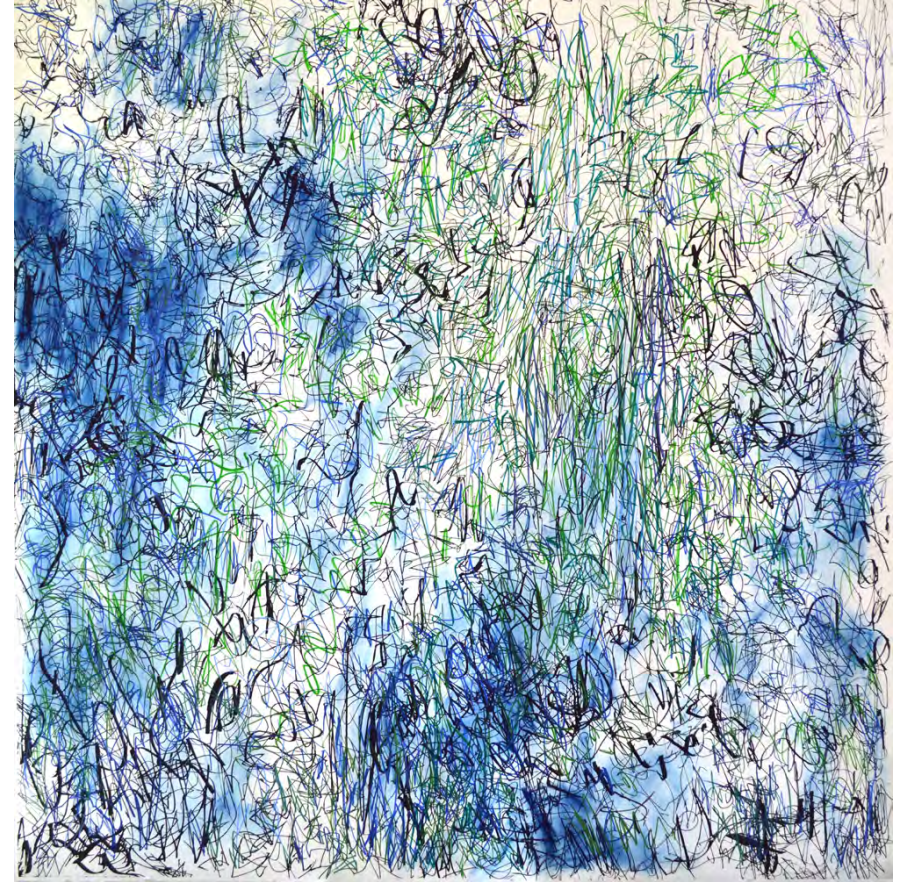
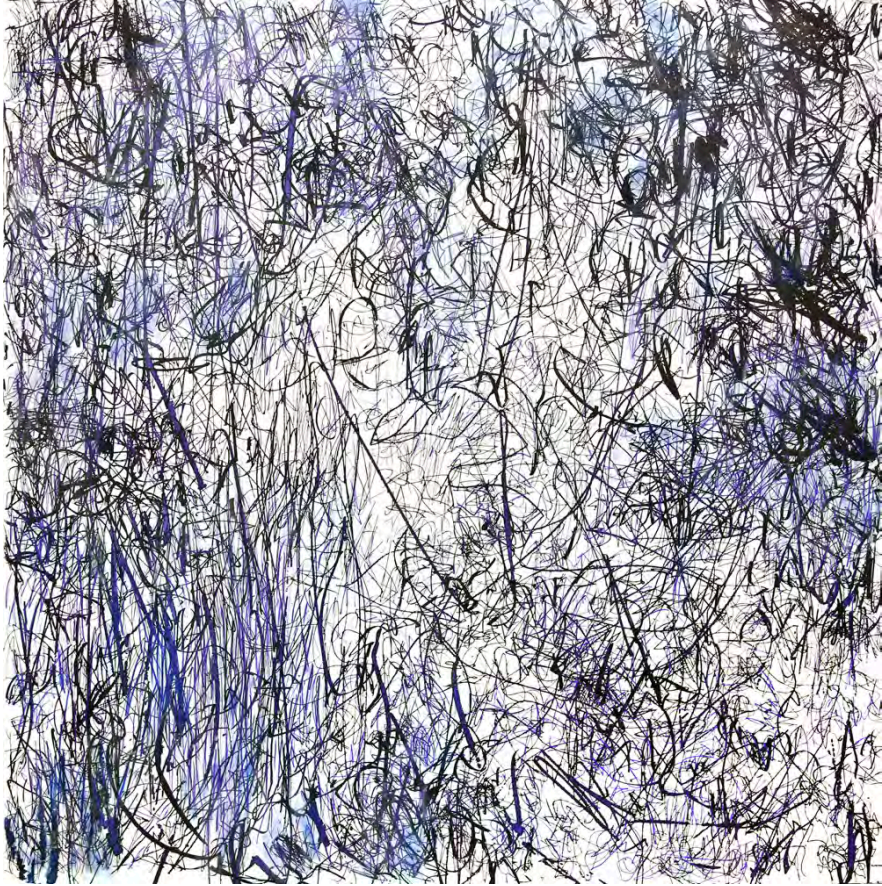
Acredito que no mesmo artista possam se alternar e se combinar as diferentes vertentes elencadas por Pessoa, e sem que perca esse alargamento do espírito, que, segundo ele, provém da curiosidade intelectual; no caso de Teresa, o processo investigativo tão caro às ciências matemáticas. Na mais recente série de desenhos da artista, conjugam-se o estudo sistematizado, seja da paisagem ou do próprio desenho, a laboriosa atividade de ateliê, marcada, aqui, pelo vigor, pelo ímpeto e pelo desembaraço, e, não menos importante, não menos profundo ou dominante, o instinto científico, matemático. Os desenhos, feito módulos, se enfeixam em um esquema bastante próximo, se quisermos, ao da análise combinatória. Nesse anagrama, o jogo, que não é de palavras mas de imagens, convida a contínuos (porém finitos?) arranjos e rearranjos em que uma linha pode continuar ou interromper a anterior. Com alguma ventura, cada pormenor vai alterar ou atribuir novos sentidos à parte precedente – e ao todo. O vigor gestual estará articulado, com paradoxo apenas aparente, como sugere o poeta, ao rigor matemático.

Eduardo Veras

Crítico de arte e curador independente, professor no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.













Outubro 6, técnica mista s/papel, 162x162 cm, Porto Alegre 2014



Paisagem vertical 1, técnica mista s/papel, 243x120 cm, Porto Alegre 2014



Outubro 5, técnica mista s/papel, 162x162 cm, Porto Alegre 2014



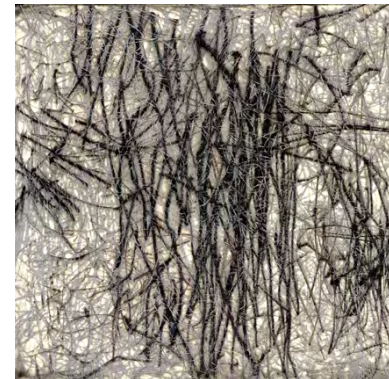




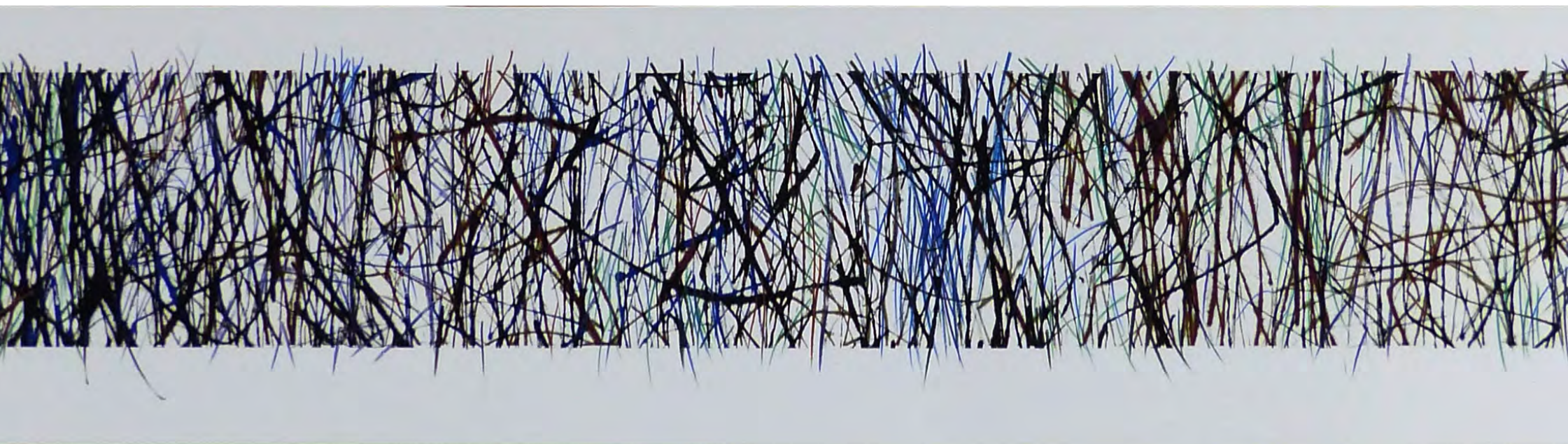
Outubro 3, técnica mista s/papel, 162x162 cm, Porto Alegre 2014



Paisagem vertical 2, técnica mista s/papel, 243x80 cm, Porto Alegre 2014

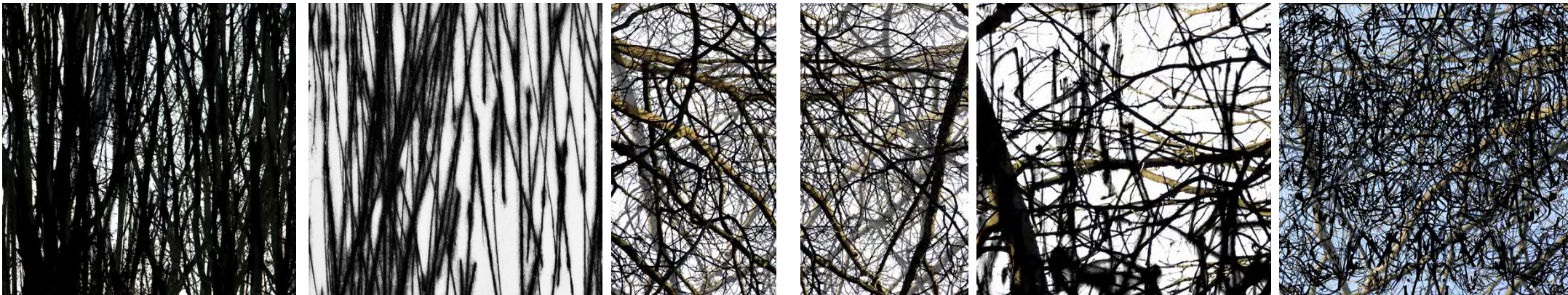


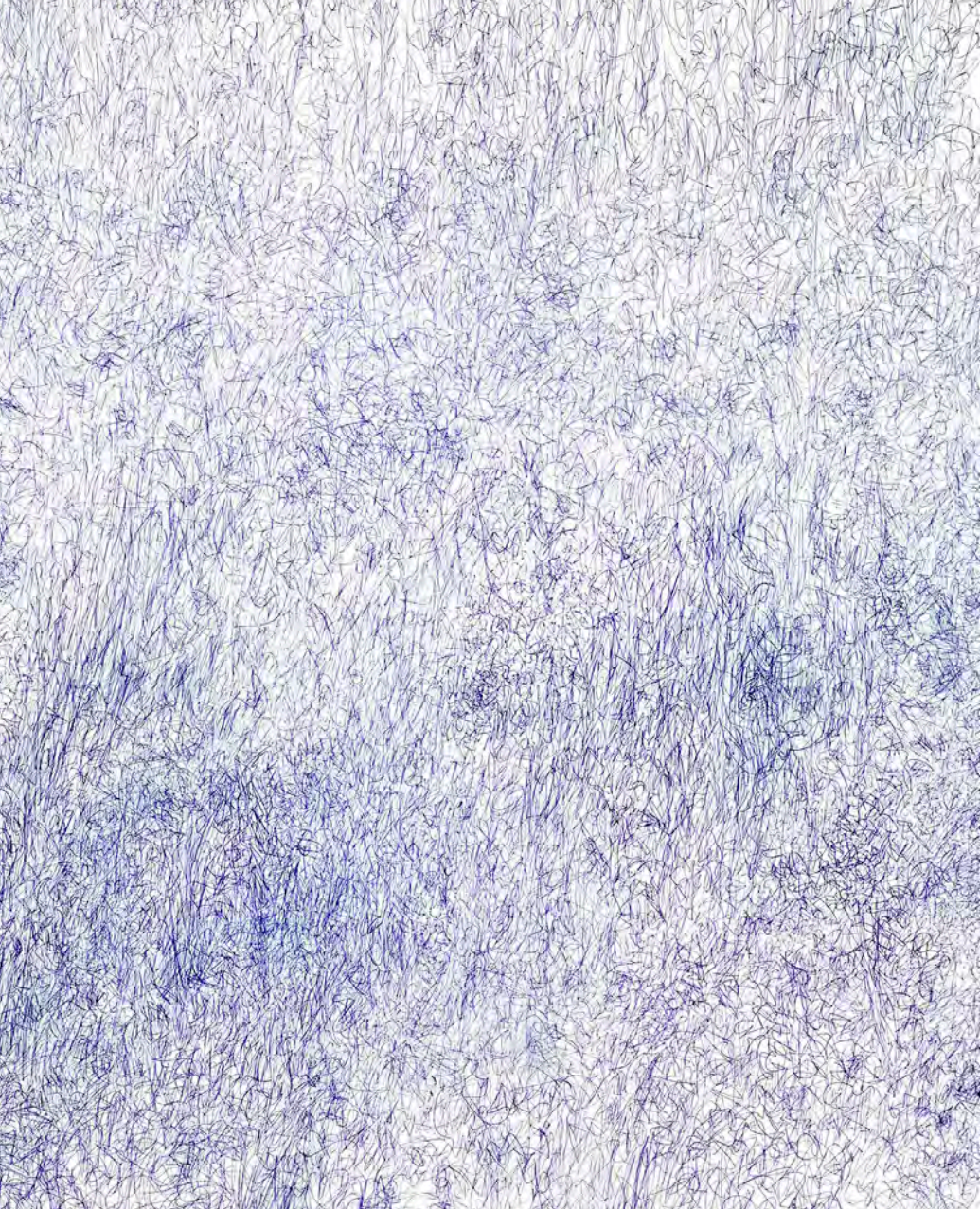
Sem título, gravuras em metal s/ papel, 20x20 cm, Porto Alegre 2014



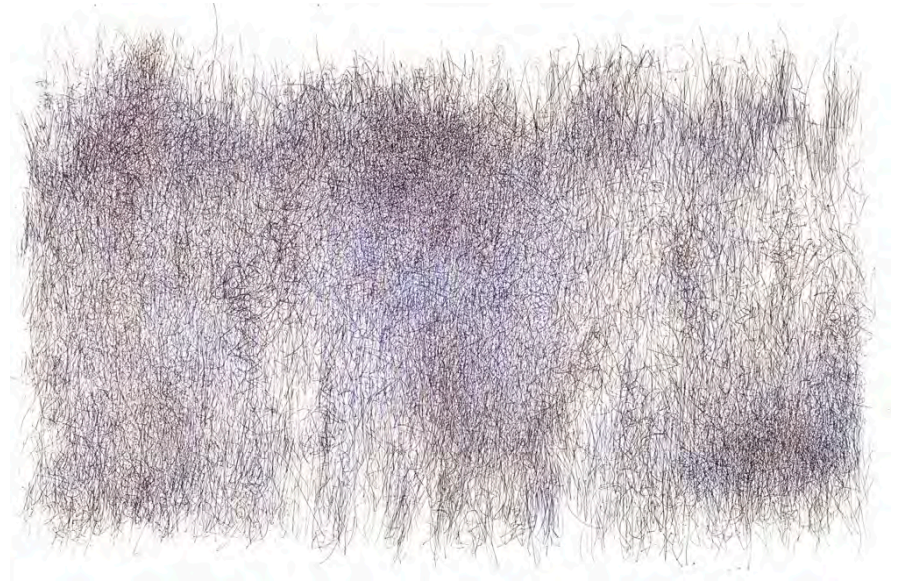


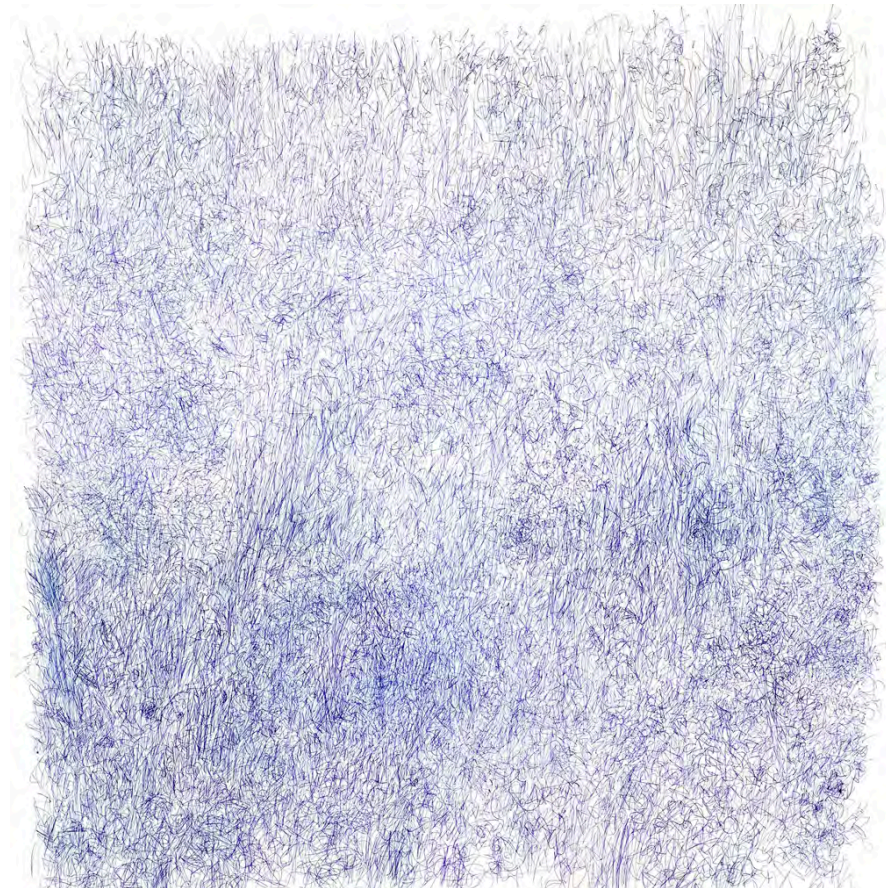
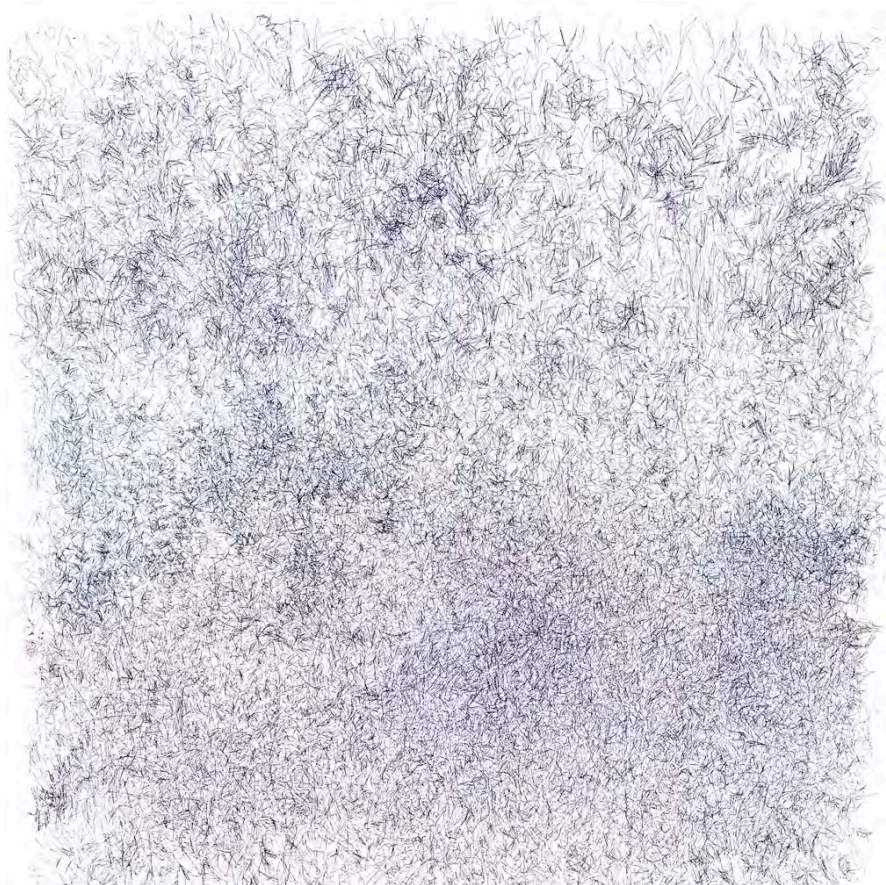


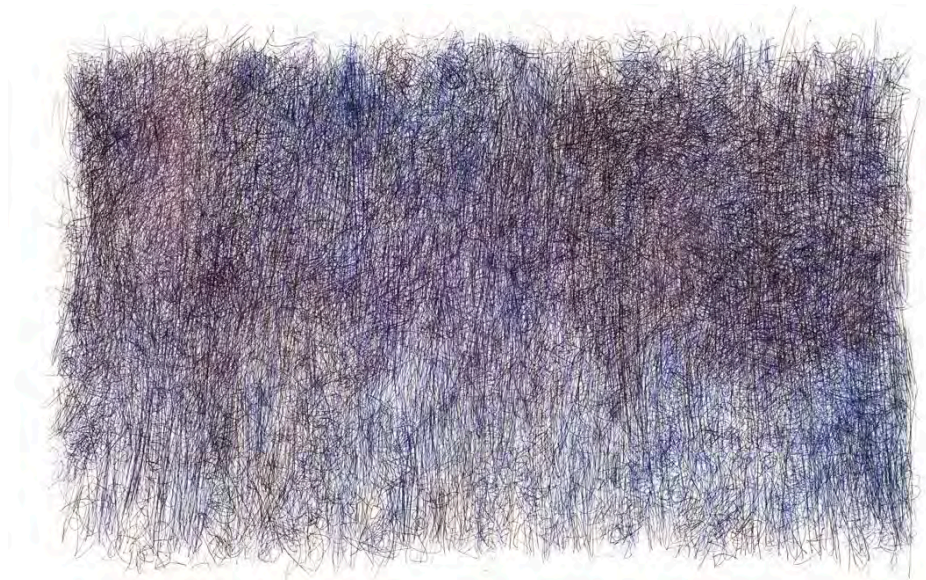




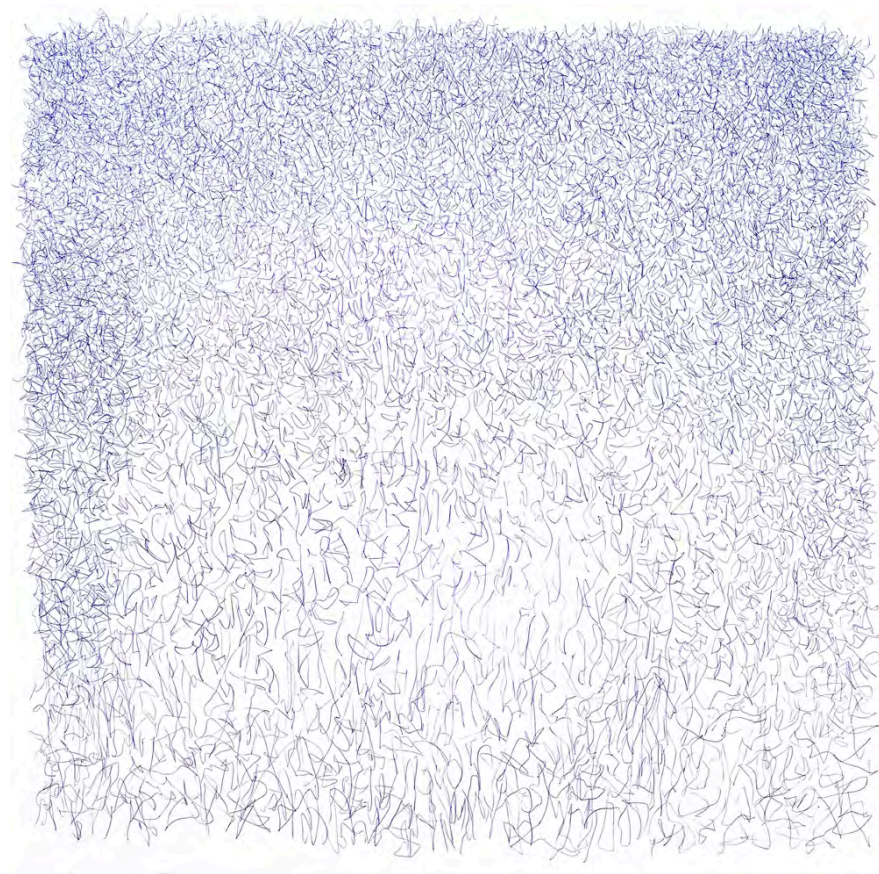
Página anterior: Sem título, caneta esferográfica bic s/papel, 150x150 cm, Eragny-sur-Epte, 2009, detalhe da obra
Sem título, caneta esferográfica bic s/papel, 100x150 cm, Eragny-sur-Epte, 2009







Sem título, caneta esferográfica bic s/papel, 100x150 cm, Eragny-sur-Epte, 2009

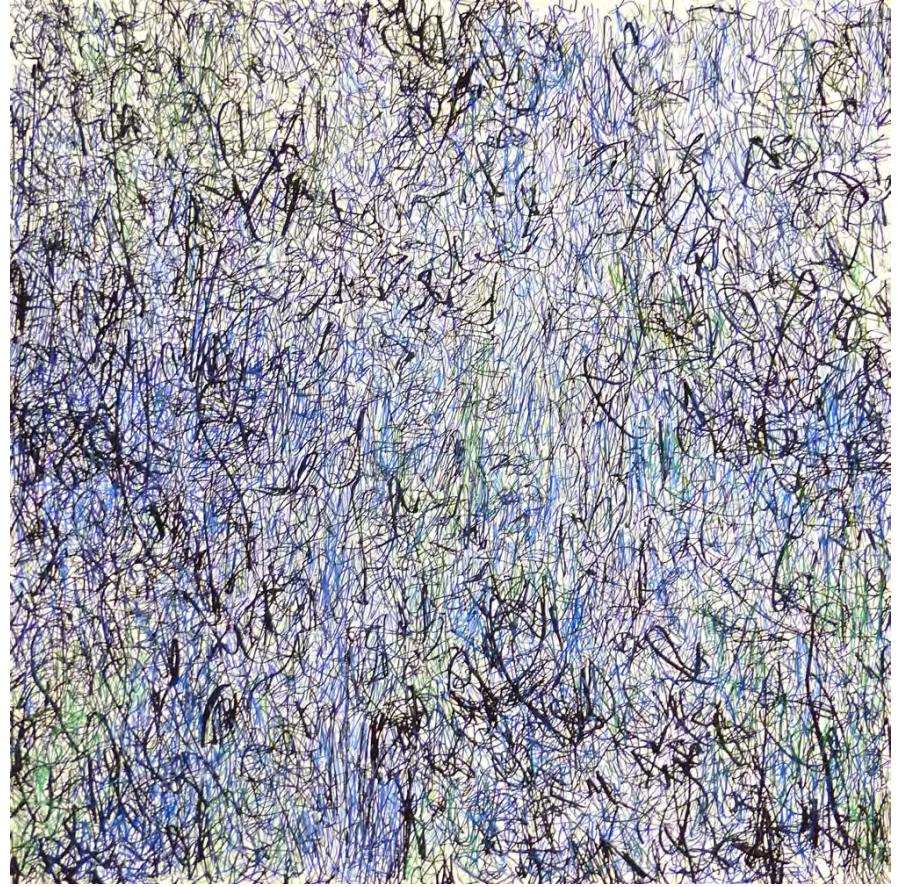


Sem título, caneta esferográfica bic s/papel, 150x150 cm, Eragny-sur-Epte, 2009





Sem título, técnica mista s/papel 80x80 cm, Porto Alegre, 2014



Outubro 4, técnica mista s/papel 162x162 cm, Porto Alegre 2014





Gestural vigour, mathematical accuracy

The drypoint is never truly meek, never very sweet or delicate. The drypoint nicks the surface of the metal, ploughing its way by force, raising burrs, leaving crippled marks along its way. The burrs, indeed, are required when we wish to prepare the plate for printing; that is where the ink holds on before meeting the paper. In the picture already printed, the line that comes from the drypoint does not achieve the accuracy – the skill, the expertise – of the etching. The line of the drypoint looks rather, and always, erratic and misconformed. However, It conserves, an energy that is linked to its own origin, the memory of the engraver’s attack against the copper mirror: there is vigour on the drypoint, maybe more than in any other possibility of the so called metal engraving.

Imagine now that this printed image, resulting from the drypoint, is photographed, copied digitally and overenhanced. The line, considered uncertain but vigorous, will gain intensity; it will luckily show itself rather uncertain and not so vigorous. Suppose now that, on top this overenhanced image, new lines come in, drawn straight onto the paper. Keep in mind that these new lines, if not keeping the erratic burr of the chisel, its sobbing evolving, offer the same drive of the original lines: they are neither sweet nor shy. They are engraved with willpower, fearlessness, with no piety.

Still, in an imaginative exercise, consider the chances of repeating this very creative path: the engraving is reprinted, drawn with blue lines over the black, lilac, green. Everything is arranged with great freedom. It is a free and open procedure. Apparently without science, with no accuracy and with no mathematics. Yet, the mathematics is there.

What we sought to line out in the preceding paragraphs is part of the method adopted by visual artist Teresa Poester (Bage, 1954) in the creation of her latest work series.

Teresa comes from a trajectory of over 35 years of activity in the field of art, in which not only her interest for landscapes is highlighted, with their possibilities of constructing and deconstructing, but also her taste for drawing. In another occasion, I have pondered that maybe it was not the artist who pursues the theme of landscapes, but the other way round. Maybe it is the eliciting of the landscape that does not leave Teresa, supposing, maybe, that all the choices of the creators are not conscious or programmed. There would be recurrent issues, or that insist in remaining, almost despite their authors. They are not called upon but, when we least expect them, there they are once again. Even when everything seems to be going toward total abstraction, the suggestion of a landscape lingers.

Likewise, the drawing is part of the artist’s background. It has always been there, but, just as the landscapes have already been approached in an exhaustive and systematized way, also the drawings in the recent years have been investigated in a more verticalized fashion. Its exchanges with other categories of artistic visual production, such as photos and videos, sustain a recent study – practical and theoretical – with groups of students in the daily activities of the studio.

In this two-fold context, the one of the persisting landscape and the dealing with the drawings, Teresa eventually was faced with pictures. Upon the experiences with metal matrixes, in 2013, at the Iberê Camargo Foundation in the Museu do Trabalho, in Porto Alegre, (and not only with one drypoint but also with water and ink etching) the artist was as lucky as to, once again, research the theme of the landscapes and the vicinity of the drawings.

Hence the format of the image, which was intimate, and has been enhanced. The short line became a wide gesture. The gray found color. The stumbling line of the drypoint gained volume. Enhanced, the square of the engraving became a module. Here, unexpectedly, mathematics made its way through.

Young, even before her path across the field of art took place, Teresa was a Math teacher. Apparently, this vein in her background never appeared like it was intimate with the artistic creation – in the case of Teresa, pinpointed by the expressionist matrix, free, wide, a little inclined to schematics. Giving it a second thought, there was also a sort of ordinance in the series in which the artist juxtaposed windows and grids with landscapes. The case now, is that in her anagrams, this perception – that might already have been there, but in the shadow, irradiates. The tendency for mathematics is made less subtle. It joins the vigour, closely to violence, that accompanies the chisel.

In another occasion, commenting the work of another artist, in which the mathematical rigour was the selfsame vector (and vertigo) of creative invention, I quoted the same text from Fernando Pessoa, to whom I turn once again. It is about a brief essay, in which the Portuguese poet discusses how, in the creator’s act, different forces combine, in an effort of intelligence and its elaborations. There would be, in the assumption of Pessoa (already in this formulation making his mathematical pendor evident), three kinds of culture that feed the inventive exercise: the culture that results in erudition, and that comes from the experience in which it is formed hence the multiplicity of intellectual interests. The first one would be connected to the “patient and thorough, for the systematized assimilation of the results of this study”. The second would have to do with the “natural quickness and depth of the profits” and everything the subject reads and hears. The third would refer to the “multiplicity of intellectual interests”, in an articulation in which “none will be profound, dominant, but variety will enlarge the spirit” (PESSOA, 1966).

The poet of heteronyms concludes that the creative disposition may be much more alive in those who keep alert – available – in the face of life, to “all arts” and sciences: in “A poet that knows which are the coordinates of Gauss is more likely to write a good love sonnet than a poet who is unaware of it”. Pessoa suggests that neither there would exist some kind of paradox. “A poet who has bothered to become interested in a mathematical abstrusion”, He argues, “has in himself the instinct of intellectual curiosity”. This is the vein that, more than inspiring, would help to define the character of the artist and the artwork: “(...) those who have in themselves the instinct of intellectual curiosity have certainly picked up, in the course of their life experience, minor details of love and feelings superior than the ones who are unable to become interested in things apart from the regular life that affects them — the manner of the work and the harness of submission” (PESSOA, 1966).

I believe that in the same artist the vertices listed by Pessoa may alternate and combine for he says that they derive from intellectual curiosity; in the case of Teresa, the investigative process is dear to mathematical sciences. In the latest series of drawings by the artist, there is a conjugation between systematized study, be it of the landscape or the drawing itself, the hardworking activity in the studio, marked here, by the vigour, by the momentum and by the clear view, and not least important, nor profound and dominant, the scientific, mathematical instinct. The drawings, made in modules, bundle up in a scheme that is very close, if we wish, to the one of combinatory analysis. In this anagram, or game, which is not made of words but rather images, it invites the continuum (however finite?) arrangements and rearrangements in which a line may continue or interrupt the previous one. By chance each minor detail will alter or assign new senses to the preceding one – and to the whole. The gestural vigour will be articulated, with a paradox that is only apparent, as suggested by the poet, to mathematical rigour.

Eduardo Veras

Arts critic and independent curator,

Professor at the Institute of Arts of the Federal University of Rio Grande do Sul - UFRGS.

Teresa Poester nasceu em Bagé, 1954. É artista e professora de desenho no Instituto de Artes da UFRGS em Porto Alegre. Mostra seu trabalho desde 1979. Expôs individualmente no Brasil, Argentina, Espanha, França e Bélgica. Entre 1979 e 1986 participa do movimento de Arte Postal e trabalha como professora, artista gráfica, cenógrafa e ilustradora no Brasil. Entre 1986 e 1989 estuda pintura em Madri. Entre 1998 e 2002 habita na França onde realiza doutorado na Universidade de Paris 1. Volta a viver na França em 2006. Em 2009 retoma suas atividades em Porto Alegre como professoras no IA-UFRGS criando o atelier d43, grupo que explora a relação do desenho com outras linguagens artísticas.

Exposições individuais:

Anagramas, Galeria Bolsa de Arte, Porto Alegre (outubro 2014)
Território da folha, paisagens de Teresa Poester, mostra de cunho retrospectivo, museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (maio 2014)
Ressonâncias, vídeos e montagens, Galeria PorãoPalacete Pedro Osório, Bagé(2012)
10.357 km em linha, desenhos a caneta bic e livro de artista, Museu do Trabalho, Porto Alegre (2009)
17 000 km en ligne, desenhos, montagens e vídeos, Galerie ARS117, Bruxelas (2009)
Regards et Transparences, Maison de Traouiero, Perros Guirec, Bretanha (outubro/novembro 2008)
Desenhos, Galeria bolsa de Arte, Porto Alegre (novembro 2007)
Manuscripts, Espace Culturel Les Templiers, Gisors (março, 2007)
Pulsaciones, Desenhos, espaço Living, exposição em homenagem à Clarice Lispector, Centro Cultural Recoleta, Buenos Aires (2007)
Desenhos-Teresa Poester, Museu do trabalho, Porto Alegre (2004)
Trois jours à quatre mains dans l’ atelier Pissarro, (pintura, instalação e vídeo), Château de Gisors, França (2003)
Trois jours à quatre mains dans l’ atelier Pissarro, apresentação do video de TP, Sala Villa Lobos, Embaixada do Brasil, Paris (2003)
Traits, ,Galeria Debret Paris (2001)
Traços, Galerie Xico Stockinger,Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre (2000)
Paris par le coeur- exposition/projeto, intervenção/painel com 70 artistas convidados, Galerie du Haut Pavé, Paris (2000)
Desenhos, pinturas e esculturas, Galeria 24 de Outubro, Porto Alegre (1997)
Mira Rima, pintura-instalação, Espaço de Arte Torreão, Porto Alegre (1996)
Janelas, pinturas, Galeria Xico Stockinger, Casa de Cultura CCMQ, Porto Alegre (1995)
Desenhos, pinturas e esculturas, Galeria 24 de Outubro, Porto Alegre (1997)
Paisagens, pinturas, Galeria Xico Stockinger, Casa de Cultura CCMQ, Porto Alegre (1991)
Objetos e símbolos, pinturas e desenhos, Galeria da Casa do Brasil, Madri (1987)
Desenhos, Galeria Arte e Fato, Porto Alegre (1985)
Desenhos à grafite, Espaço IAB, Porto Alegre, (1982)
Ouro Preto XII Inverno, desenhos, Instituto de Arte, UFRGS, Porto Alegre (1979)

Prêmios em desenho:

Prêmio Açorianos 2014, organização e participação: Exposição Lugares do desenho, atelier d43 e convidados , Pinacoteca do Instituto de artes, UFRGS, Porto Alegre (out 2013)
Prêmio Açorianos 2008: Exposição individual Desenhos , Galeria Bolsa de Arte, Porto Alegre (nov, 2007)
Prêmio Açorianos 2007, grupo Passos Perdidos, Exposição: Sala dos Passos Perdidos, Galeria Subterrânea, Porto Alegre (2006)
Prêmio Pirelli, Museu de Arte de São Paulo, MASP, São Paulo (1984)
Prêmio Jovem Arte Sul América, Florianópolis (1982)

Trabalhos em acervos:

Pinacoteca Barão de Santo Angelo no Instituto de Artes da UFRGS, Porto Alegre
Pinacoteca Ruben Berta da Prefeitura de Porto Alegre
Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre
Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul, Porto Alegre
Pinacoteca da Pirelli, São Paulo
Centre Curturel d’ Art Liberté, Charenton/Paris
Pinacoteca da Capes, Brasília
Museu Nacional, Brasília
Fundação Vera Chaves Barcellos, Porto Alegre

TERESA POESTER was Born in Bagé, RS in 1954 and resides in Porto Alegre to date. As an artist and a teacher she dedicates to drawing and its multiple possibilities, mixing video, artist books and photoengraving. She has exhibited her work since 1978 in several countries and has done solo exhibitions in Argentina, Spain, France and Belgium apart from Brazil.

Poester did scenography for cinema and theatre, also working with graphic arts and illustration. At the time she took part in the Mail Art movement. From 1986 to 1989 she studied painting in Madrid. Upon returning to Porto Alegre, on the 90's, Teresa entered the Arts Institute of the federal university, UFRGS, as a teacher. From 1998 to 2002 the artist lived in Paris, where she researched and wrote her doctorate thesis. While on temporary license from the university she returned to France for another 3 years, time she spent dedicating exclusively to her artistic practice. Back to Porto Alegre, the artist resumed her activities as a drawing teacher and created the research group Atelier D43, which investigates the relation of drawing with other languages.

Solo exhibitions:

Anagramas, Bolsa de Arte, Porto Alegre, (2014)
Território da Folha, paisagens de Teresa Poester, Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, (2014)
Ressonâncias, Galeria Porão do Palacete Pedro Osório, Prefeitura de Bagé, Bagé (2012)
10.357 km em linha, Museu do Trabalho, Porto Alegre (2009)
17 000 km en ligne, Galerie ARS117, Brussels (2009)
Regards et Transparences, Perros Guirec, Bretagne (2008)
Desenhos, Galeria bolsa de Arte, Porto Alegre (2007)
Manuscrits, Espace Culturel Les Templiers, Gisors (2007)
Pulsaciones, drawings, living room space, exhibition in tribute to Clarice Lispector, Centro Cultural Recoleta, Buenos Aires (2007)
Desenhos-Teresa Poester, Museu do trabalho, Porto Alegre (2004)
Trois jours à quatre mains dans l'atelier Pissarro, (painting, installation and video), Château de Gisors, França (2003)
Trois jours à quatre mains dans l'atelier Pissarro, Exhibition of Teresa Pestors' video, Sala Villa Lobos, Embaixada do Brasil, Paris (2003)
Traits,with two brazilian artists, Galeria Debrét, Paris (2001)
Traços, with two brazilian artists, Galeria Xico Stockinger,Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre (2000)
Paris par le coeur- exhibition/projecto, Galerie du Haut Pavé, Paris (2000)
Desenhos, pinturas e esculturas, Galeria 24 de Outubro, Porto Alegre (1997)
Mira Rima, painting-installation, Espaço de Arte Torreão, Porto Alegre (1996)
Janelas, paintings, Galeria Xico Stockinger, Casa de Cultura CCMQ, Porto Alegre (1995)
Paisagens, paintings, Galeria Xico Stockinger, Casa de Cultura CCMQ, Porto Alegre (1991)
Objetos e símbolos, paintings and drawings, Galeria da Casa do Brasil, Madrid (1987)
Desenhos, Galeria Arte e Fato, Porto Alegre (1985)
Desenhos à grafite, Espaço IAB, Porto Alegre, (1982)
Ouro Preto XII Inverno, drawings, Instituto de Arte, UFRGS, Porto Alegre (1979)

Drawing awards:

Açorianos Prize 2014, organização e participação: Exposição Lugares do desenho, atelier d43 e convidados, Pinacoteca do Instituto de artes, UFRGS, Porto Alegre (out 2013)
Açorianos Prize 2008 (Prêmio Açorianos 2008) in drawing: Exposição Desenhos, Galeria Bolsa de Arte, Porto Alegre (nov, 2007)
Açorianos Prize 2007 (Prêmio Açorianos 2007), Passos Perdidos group, Exposição: Sala dos Passos Perdidos, Galeria Subterrânea, Porto Alegre (2006)
Pirelli Prize, Museu de Arte de São Paulo, MASP, São Paulo (1984)
Young Southamerica Prize (Prêmio Jovem Arte Sul América), Florianópolis (1982)

Graduation:

Baccalaureate in Plastic Arts (drawing) and artistic education- UFRGS' Arts institute (Instituto de Artes UFRGS) (1982)
Painting, preparative doctorate studies, Universidad Complutense de Madrid, Instituto de Cooperación Iberoamericano Scholarship (1986-89)
Approved in drawing proof set - Universidad de San Carlos (departamento de dibujo), Valencia (1987)
Doctorate in Plastic Arts in Université de Paris I -Panthéon-Sorbonne (2002)

The artist has works in the Arts Institutes' collection Pinacoteca Barão de Santo Angelo in Porto Alegre; in the Pinacoteca Ruben Bertas' collection, in Porto Alegres' city hall; in the Arts Museum of Porto Alegre, MARGS; in the Contemporary arts Museum of Porto Alegre, MAC-RS; in the Pirelli Pinacothecas' collection in São Paulo; in the Capes Pinacothecas' collection in Brasília, in the National Museum in Brasília, in the Centre d'art Liberté em Charenton, (France).

Realização:



Crédito Fotográfico:

Leopoldo Plentz, Teresa Poester, Artur Poester, Bernardo Kroeff, Egon Kroeff

Digitalização, tratamento de imagem e projeto gráfico:

Bernardo Kroeff